



EuroDefense
Portugal

RENOVAÇÃO E CONTINUIDADE

A EU EM 2022

Página 2

AUTONOMIA ESTRATÉGICA DA UE

Página 3

ECONOMIA TRANSATLÂNTICA 2023

Página 4

SUGESTÕES DE LEITURA

Página 5

CONSELHO GERAL EURODEFENSE-PORTUGAL

Página 6

Os Associados do Centro de Estudos EuroDefense-Portugal estão convocados para a reunião do Conselho Geral que se realiza no dia 13 de abril pelas 14 e 30 nas instalações do IDN, onde serão eleitos os titulares do Órgãos Sociais para um novo mandato de três anos.

Como já foi assinalado, também no corrente ano se comemora o 25º Aniversário da sua fundação. São 25 anos de presença na sociedade portuguesa, mas também foram tempos em que foi necessário fazer opções entre a sobrevivência e o declínio de uma organização não governamental que nasceu com uma missão cultural e cívica de natureza permanente, mas suportada por uma estrutura organizativa informal.

Ao adquirir o estatuto de pessoa coletiva de direito privado sem fins lucrativos, em 19 de outubro de 2015, foi possível ultrapassar esta situação e criar as condições que fortaleceram a sua sobrevivência e propiciaram o desenvolvimento dos seus objetivos.

A aquisição de personalidade jurídica contribuiu para reiterar as relações funcionais de estreita cooperação firmadas num Protocolo avaliado pelo Ministro da Defesa Nacional e subscrito pelos Instituidores originários - IDN e AIP. É de assinalar a especial colaboração com o Instituto da Defesa Nacional, cujo apoio tem sido vital para o crescimento da Associação EuroDefense-Portugal.

Os Relatórios de Atividades apresentados nos últimos anos mostram as inúmeras iniciativas realizadas no âmbito da Política Comum de Segurança e Defesa da UE e da defesa nacional, assim como diversas atividades na área da Economia de Defesa, nomeadamente, na promoção das políticas europeias dirigidas para o desenvolvimento das tecnologias e indústrias de defesa.

Com a EuroDefense Jovem, foi dada prioridade ao trabalho com a juventude universitária visando a promoção da cultura de defesa e a perceção das especificidades do ecossistema da Segurança e Defesa Nacional e Europeia.

Tudo isto foi possível graças a um corpo de Associados de elevada qualidade humana com um aprofundado conhecimento técnico e experiência profissional, nos domínios da Segurança e Defesa, da estratégia e dos assuntos europeus, conferindo ao Centro de Estudos EuroDefense-Portugal especiais potencialidades para o estudo e reflexão sobre as políticas de defesa nacional e de segurança e defesa europeia.

No final do seu mandato e na proximidade da passagem de testemunho para uma nova equipa, a atual Direção formula os votos do maior sucesso aos futuros responsáveis e reitera a sua convicção de que se inicia agora um ciclo de renovação e de reforço da continuidade da missão e dos objetivos da EuroDefense-Portugal.

Lisboa, 31 de março de 2023

António Figueiredo Lopes
Presidente da Direção



A UE EM 2022

Relatório geral sobre a atividade da UE

Português

Inglês

O ano de 2022 foi um ponto de viragem para a Europa. Foi há um ano que a Rússia invadiu brutalmente a Ucrânia. Mas também foi o ano em que os ucranianos lutaram contra o agressor e inspiraram um continente inteiro com sua coragem. Foi o ano em que os cidadãos europeus acolheram milhões de refugiados de guerra ucranianos nas suas casas, escolas e corações. Foi o ano em que a nossa União se ergueu e se uniu pelos nossos valores europeus: a liberdade e a conquista humana são inestimáveis e a democracia e a paz devem ser defendidas.

Sabemos como uma ação vale mais que mil palavras. Quando os tanques russos invadiram a partir da Ucrânia, agimos imediatamente, com unidade, força e motivação. A União Europeia (UE) e seus parceiros impuseram sanções à Rússia e seus cúmplices na guerra imperialista anterior. Toda a nossa União se ergueu solidária para com a Ucrânia, prestando apoio humanitário, financeiro e militar. Os Estados-Membros vizinhos abriram as suas fronteiras aos ucranianos em fuga e ofereceram-lhes abrigo, apoio médico, uma possibilidade de trabalhar e aos seus filhos um lugar nas suas salas de aula. A UE tomou uma decisão histórica de conceder à Ucrânia o estatuto de país candidato de adesão à nossa União. Hoje, mais uma vez, a Europa significa o futuro.



UNIDADE FRÁGIL

Ver mais

Por que os europeus estão a unir-se sobre a Ucrânia (e o que pode separá-los)

A sabedoria convencional diz-nos que as guerras terminam em negociações. Mas o seu fim é mais frequentemente determinado nas urnas – ou mesmo nas pesquisas de opinião. A falta de apoio público pôs fim à guerra americana no Vietnã, à guerra francesa na Argélia e – com a derrota de Slobodan Milosevic nas urnas em 2000 – acabou com as guerras na ex-Jugoslávia. Até agora, os aliados ocidentais da Ucrânia têm estado surpreendentemente unidos no seu apoio a Kiev. Mas Vladimir Putin certamente espera que a opinião pública ocidental se transforme, deixando a Ucrânia de cabeça para baixo.

No seu discurso sobre o estado da nação, proferido poucos dias antes do aniversário da invasão da Ucrânia, o presidente russo deixou bem claro que se posiciona para uma longa guerra, esperando que a lógica da política democrática esgote o apoio ocidental a Kiev e permita que Moscovo prevaleça.

Mas, após 12 meses de combate, as roturas na coligação ocidental diminuíram em vez de aumentar. Uma pesquisa multinacional realizada em janeiro de 2023 em dez países europeus mostra que os europeus estão surpreendentemente unidos na sua determinação de apoiar a independência de Kiev.



UM ANO DE GUERRA NA UCRÂNIA

Ver mais

Compreender o que aconteceu e o que precisa acontecer a seguir

Faz pouco mais de um ano que a Rússia iniciou a sua brutal guerra de agressão contra a Ucrânia. Naquele ano, a União Europeia intensificou e forneceu grande quantidade de apoio à Ucrânia – económico e militar, além de fornecer um refúgio seguro para milhões de ucranianos que fugiram dos combates.

Como o conflito entrou agora no seu segundo ano, o que definiu o primeiro ano e que a União Europeia precisa fazer concretamente no segundo se a Ucrânia quiser ter alguma esperança de triunfar sobre os invasores. Isso exigirá visão, coragem e ousadia dos líderes europeus. A alternativa se eles falharem? Uma ordem internacional baseada em regras substituída por um mundo multipolar implacável definido por esferas de influência concorrentes.



DANÇANDO NO ESCURO

Avaliação dos sete pecados da dissuasão

Ver mais

As políticas de dissuasão da NATO realmente têm impacto no comportamento russo? À medida que o medo de erros de cálculo aumenta depois de um caça russo colidir com um drone americano sobre o Mar Negro, como podemos realmente saber se entendemos os sinais de nosso oponente – e eles entendem os nossos? Afinal, a dissuasão não é possível se não entendermos os sinais uns dos outros: não apenas devemos entender o nosso adversário, mas o nosso adversário também deve entender-nos. Embora a lógica da determinação e as suas aplicações no mundo real possam parecer intuitivamente simples e elegantes, medir a sua eficácia é muito mais desafiador. Na verdade, os formuladores de políticas de determinação podem ser comparados a dançarinos no escuro: eles podem conhecer os seus próprios movimentos de determinação, mas podem apenas supor quais são as intenções dos seus homólogos e como as suas medidas de dissuasão moldam o comportamento adversário.



A GELEIRA ALEMÃ

Ver mais

Já se passou quase um ano desde que a Rússia retomou a agressão contra a Ucrânia. Centenas de discursos foram proferidos e milhares de textos discutindo o impacto da guerra Rússia-Ucrânia para o mundo e para o nosso futuro foram publicados. O maior número de excelentes discursos foi proferido pelo Presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, que se tornou um símbolo da luta pela liberdade e independência, da resistência ao colonialismo e à agressão imperial. Ele tornou-se o 'estandarte de ouro' contemporâneo para um líder democrático, cujo papel na sociedade é conceber respostas políticas às tentativas de impor ao mundo uma visão de mundo arcaica, antidemocrática e imperial, baseada na superioridade do poder sobre a lei, sobre o direito à liberdade e autodeterminação, e mesmo sobre o direito humanitário internacional que regula a condução da guerra.



AUTONOMIA ESTRATÉGICA DA EU

Uma agenda de cinco pontos

[Ver mais](#)

Como a cooperação para o desenvolvimento pode apoiar a autonomia estratégica da UE

Quais são os vínculos entre a cooperação para o desenvolvimento e a autonomia estratégica da UE?

A UE e os seus Estados-membros têm sido consistentemente o maior contribuinte individual da assistência oficial ao desenvolvimento. Um efeito disso é que a principal maneira pela qual a UE interage com uma grande parte do mundo em desenvolvimento é por meio da cooperação para o desenvolvimento. No entanto, parece haver uma relutância entre os formuladores de políticas europeus em reconhecer o facto de que a UE e os seus Estados-membros podem implementar uma política de cooperação para o desenvolvimento que se conecte com os objetivos da política externa.

A cooperação para o desenvolvimento nunca esteve realmente divorciada dos interesses nacionais – ou no caso da União Europeia, regionais. Reconhecer este facto e comunicar a ligação a si próprio e aos seus parceiros de desenvolvimento é um primeiro passo crítico para a UE identificar como a cooperação para o desenvolvimento pode apoiar as suas ambições estratégicas de autonomia. Isso também pode iniciar um processo que leva a alguma coerência política dentro da UE e entre as instituições da UE.



O FUTURO DO C4ISR DA NATO

Avaliação e recomendações depois de Madrid

[Ver mais](#)

Mesmo com a guerra ilegal e não provocada da Rússia na Ucrânia, a comunidade transatlântica está procurando integrar as lições do campo de batalha para adaptar o seu planeamento de defesa para um mundo em rápida mudança. Uma lição já está clara: numa Europa contestada, os aliados precisam ter uma melhor consciência do ambiente operacional. A velocidade e a qualidade da tomada de decisão e execução devem melhorar. A tomada de decisão eficaz e ética da NATO deve traduzir-se em efeitos operacionais. A NATO deve priorizar a modernização e integração de sua arquitetura de comando, controle, comunicações, computadores, inteligência, vigilância e reconhecimento (C4ISR) para acompanhar o ambiente operacional em rápida mudança.

Embora seja um conceito complexo, o C4ISR é mais facilmente entendido como o “sistema nervoso” das forças armadas. É essencial para as operações cotidianas, respostas automáticas e os complicados processos inerentes às grandes empresas. Mudanças rápidas e fundamentais no nosso ambiente de segurança – incluindo o retorno de uma guerra em larga escala na Europa, as crescentes ambições globais da China, mudanças climáticas e o potencial transformador de tecnologias emergentes – exigem um exame imediato e crítico da arquitetura C4ISR da NATO.


[Ver mais](#)

Confrontada com uma ameaça terrorista persistente, a UE está a desempenhar um papel cada vez mais ambicioso na luta contra o terrorismo. O principal combate ao crime e garantia da segurança cabe aos Estados-Membros, mas a UE fornece instrumentos de cooperação, coordenação e (até certo ponto) de harmonização, bem como apoio financeiro, para fazer face a este fenómeno sem fronteiras. Além disso, a consciência da ligação entre desenvolvimento e estabilidade, bem como entre segurança interna e externa, passou a moldar a ação da UE para além das fronteiras da União. A despesa da UE na luta contra o terrorismo aumentou ao longo dos anos, para permitir uma melhor cooperação entre as autoridades nacionais responsáveis pela aplicação da lei e um maior apoio por parte dos organismos da UE responsáveis pela segurança e justiça, como a Europol, a eu-LISA e a Eurojust. As muitas novas regras e instrumentos que foram adotados nos últimos anos concentram-se, entre outras coisas, na harmonização das definições de crimes e sanções terroristas, compartilhamento de informações e dados, proteção de fronteiras, combate ao financiamento do terrorismo e regulamentação de armas de fogo.


[Ver mais](#)

A gestão eficaz das fronteiras externas da UE é um pré-requisito para a criação do espaço de liberdade, segurança e justiça da UE. Em resposta a um influxo sem precedentes de refugiados e imigrantes na Europa no período de 2015-2016, a UE tomou medidas para fortalecer a gestão de suas fronteiras externas e reformar o sistema europeu comum de asilo. Vários desafios importantes afetaram as fronteiras externas da UE nos últimos anos. A pandemia de COVID-19 levou os Estados-Membros a adotarem medidas extraordinárias nas fronteiras, incluindo restrições temporárias de viagens não essenciais para a UE. A pandemia também afetou os esforços para implementar as principais medidas da UE destinadas a fortalecer as fronteiras externas, incluindo o fortalecimento da Frontex e a expansão dos sistemas de informação em toda a UE para fronteiras e segurança. A guerra de agressão da Rússia contra a Ucrânia gerou uma nova onda de refugiados e revelou novas vulnerabilidades nas fronteiras da UE. No rescaldo da pandemia, o aumento do número de requerentes de asilo e migrantes irregulares colocou uma nova pressão nas fronteiras externas da UE.



A Economia Transatlântica 2023 oferece o conjunto mais atualizado de fatos e números que descrevem a profunda integração económica que une a Europa e os Estados Unidos. Documenta empregos, comércio e investimentos de origem europeia em cada um dos 50 estados dos EUA e empregos, comércio e investimentos de origem americana em cada estado-membro da União Europeia e outros países europeus. Analisa as principais tendências das manchetes e ajuda os leitores a entender a natureza distinta das relações económicas transatlânticas. A economia transatlântica provou ser notavelmente resiliente diante de vários ventos contrários, incluindo a pandemia de Covid-19, a guerra da Rússia contra a Ucrânia, grandes transformações energéticas, pressões inflacionárias e recessivas, interrupções na cadeia de suprimentos e ondulações geradas pelas atividades da China. Os principais setores da economia transatlântica estão integrando-se como nunca, sustentando uma economia multibilionária que cria milhões de empregos em ambos os lados do Atlântico. Explica o apoio internacional à Ucrânia e as sanções contra a Rússia, as principais mudanças na economia energética transatlântica, como as conexões digitais impulsionam os laços económicos e por que os títulos comerciais transatlânticos são importantes para produtores, consumidores, trabalhadores, inovadores, investidores e comunidades.



O último ano provou ser um ano muito difícil, e trouxe muitos novos desafios para as relações internacionais. Entre esses novos desafios, o mais impressionante é provavelmente o desencadeamento de uma guerra de agressão da Rússia contra a Ucrânia. À medida que a invasão da Rússia se intensificou em 24 de fevereiro de 2022, muitos especialistas e formuladores de políticas ocidentais previram que as forças armadas ucranianas não seriam capazes de defender Kiev e que cairiam nas mãos dos invasores antes do final do mês. No entanto, o governo e o povo da Ucrânia ainda estão lutando, e podemos ver evidências disso em todos os lugares em Kiev, graças à bandeira da Ucrânia livre hasteada nos telhados. É claro que estamos entrando numa nova era nas relações internacionais, que reviveu os horrores e catástrofes do passado e abriu caminho para "O Retorno da História", independentemente do resultado do conflito na Ucrânia. Agora que passou um ano desde o início do ataque, vamos explorar as implicações da invasão russa da Ucrânia em muitas esferas, desde a segurança energética até a agricultura. Ao mesmo tempo, estamos questionando se a era atual merece ser classificada como a "nova Guerra Fria". Em caso afirmativo, quem são as partes concorrentes e em que aspectos essa nova Guerra Fria difere daquela que terminou em 1991, com os EUA e o mundo liberal emergindo vitoriosos?



A defesa europeia assenta na cooperação: entre a NATO e a UE; entre a UE e os seus parceiros; e uma miríade de acordos multilaterais e bilaterais de cooperação em defesa entre os Estados Membros da UE e além. Mas essa arquitetura intrincada é uma mistura confusa de duplicações e ineficiências, ou uma teia de aço fornecendo a base para uma defesa europeia mais forte? As parcerias estratégicas da UE devem refletir a importância dessas relações em relação a outras. Oferecer aos parceiros mais próximos da UE na segurança europeia – NATO, EUA, Noruega e Canadá, mas também Reino Unido e Ucrânia – um formato de 'Parceria Estratégica Plus' proporcionaria uma cooperação mais forte com esses parceiros na formulação de políticas de defesa da UE e no desenvolvimento de capacidades. Os Estados-Membros da UE têm apenas um único conjunto de forças armadas, mas também apenas um único conjunto de funcionários de defesa.



A UE, a NATO e as Tecnologias Emergentes e Disruptivas

As agendas da UE e da NATO sobre Tecnologias Emergentes e Disruptivas têm uma tarefa difícil pela frente. A inovação na era digital está em parte em desacordo com o modo dominante de inovação na indústria de defesa. A defesa é organizada em torno de um ecossistema predominantemente fechado, dominado por relacionamentos privilegiados entre agências de compras e integradores de sistemas e controle de tecnologias críticas de cima para baixo. Hoje, precisamos de novas formas de criar incentivos para estimular a inovação em Tecnologias Emergentes e Disruptivas. Um bom ponto de partida para enfrentar esses desafios pode ser incentivar os principais contratantes a fazerem parcerias com PMEs e start-ups e envolver estruturalmente os utilizadores finais em todas as etapas da inovação tecnológica.

A abordagem sugere novas formas de promover a sinergia entre a UE e a NATO.



Como pode a UE tornar-se mais independente num mundo cada vez mais desafiador?

Em geral, a Europa deve adaptar-se às novas e desafiadoras realidades globais. Para tal, a UE precisa de atuar com mais unidade e coordenação em diferentes domínios, bem como construir resiliência e reduzir a sua dependência externa de determinados recursos fundamentais. Por exemplo, no domínio da 'segurança e defesa', destaca-se a importância de uma maior integração, convergência de interesses entre as instituições da UE e os Estados-membros, quadros institucionais mais flexíveis e eficientes e uma definição clara dos interesses e objetivos da UE na sua ação externa. No campo da 'economia e comércio', os riscos que a UE enfrenta de dependências excessivas tornaram-se claros, e a Europa deve adaptar-se às novas realidades. Existem soluções políticas para questões-chave.

SUGESTÕES DE LEITURA



EUROPA DEPOIS DA GUERRA

Ver mais

Cooperação Financeira para a Integração Pan-Europeia, Euro-Mediterrânica e UE-Africana

A guerra de agressão contra a Ucrânia foi um divisor de águas: para a Europa e para o mundo; para a economia, a sociedade e o setor financeiro.

A guerra teve um impacto devastador, direta e indiretamente, do ponto de vista humanitário, econômico e social. Teve um impacto dramático na Ucrânia, em toda a Europa, nas regiões vizinhas e no mundo. Minou os valores e as regras básicas que estão na base do atual sistema de relações internacionais. Deu um golpe brutal no multilateralismo, na cooperação internacional, na governança global, na Carta das Nações Unidas, na Declaração Universal dos Direitos Humanos e no direito internacional.

As agendas políticas, as perspectivas e a própria identidade do continente europeu devem, portanto, ser revistas, ajustadas e – na medida do necessário – redefinidas.

Desde o início desta guerra, a Europa já mudou significativamente. Primeiro, o contexto no qual a Europa costumava operar agora parece muito mais ameaçador e imprevisível. Enquanto no passado as evoluções e convoluções da Europa se desenrolavam numa situação de relativa estabilidade externa e "ordem global", permitindo-lhe concentrar-se na sua dinâmica interna, agora a turbulência externa convida a Europa a dar um passo em frente, a desempenhar um papel estabilizador e a afirmar a sua autonomia e função estratégica.



A MUDANÇA DE PODER

Ver mais

O impacto da transição de baixo carbono na economia de petróleo e gás

O reconhecimento mundial da degradação ambiental e das mudanças climáticas, que emergiram de forma particularmente marcante nas últimas três décadas, levou à adoção da transição energética de baixo carbono como a solução universal para o desafio climático global. No entanto, o entusiasmo por energia limpa e inovação tecnológica de baixo carbono nem sempre foi acompanhado por um compromisso de abandonar o vício do crescimento liderado pelo consumo.

Os incentivos políticos para a descarbonização radical e o apoio a tecnologias de energia limpa levaram a uma realocação de capital sem precedentes e à reconfiguração dos sistemas de energia convencionais.

A guerra em curso na Ucrânia e a volatilidade que ela criou nos mercados de energia na Europa e além apenas reforçaram essa tendência.

O ditado político que iguala a adoção de fontes de energia de baixo carbono como os portadores de energia dominantes com um salto inequívoco para uma economia de energia segura, ambientalmente sustentável e equitativa estabeleceu-se como a narrativa política predominante. Mas essa visão às vezes é míope, imune ao escrutínio crítico e alheia ao advento de novos desafios e aos riscos insidiosos que podem surgir dessa nova trajetória e inviabilizar a transição para energia limpa.



Ver mais

A decisão dos Estados Unidos e da União Europeia de desligar os bancos russos selecionados da Society for Worldwide Interbank Financial Telecommunication (SWIFT) e de congelar as reservas estrangeiras da Rússia pode ter efeitos significativos e de longo prazo no sistema monetário internacional. Embora as transformações dentro desse sistema tenham sido historicamente lentas para se materializarem, o alcance e o alvo das sanções recentemente implantadas provavelmente catalisarão um impulso global para diversificar, afastando-se do sistema financeiro global centrado no dólar americano.



Ver mais

Robotização das Forças Armadas

O resultado da guerra de 2022 na Ucrânia e suas ramificações estratégicas e econômicas ainda não foram determinados. Indiscutivelmente, a Rússia terá de repensar, reformar e reconstruir suas forças armadas enquanto enfrenta restrições financeiras ainda mais obrigatórias sob uma nova onda de sanções e controles de exportação. Nesse novo ambiente, a liderança política e militar da Rússia provavelmente terá que priorizar alguns programas de modernização e abandonar outros. No passado, alguns estrategistas militares russos disseram que as forças armadas do país não deveriam igualar as capacidades de seus adversários.



Ver mais

Como o Kremlin e os meios de comunicação russos justificaram uma guerra de agressão contra a Ucrânia

Nas semanas e meses que antecederam a invasão da Ucrânia pela Rússia em 24 de fevereiro de 2022, o Kremlin e a mídia pró-Kremlin empregaram narrativas falsas e enganosas para justificar a ação militar contra a Ucrânia, mascarar o planejamento operacional do Kremlin e negar qualquer responsabilidade pela guerra que se aproxima. Coletivamente, essas narrativas serviram como *casus belli* de Vladimir Putin para se envolver numa guerra de agressão contra a Ucrânia.



EuroDefense Portugal

Conselho Geral EuroDefense-Portugal 13.03.2023 | 14:30H

Local: Instituto da Defesa Nacional [Ver mais](#)



O QUE SONHAM AS MULHERES PARA O FUTURO DA DEMOCRACIA EUROPEIA?

[Ver mais](#)

Os sonhos podem ser espelhos da alma de alguém, expressões de suas aspirações supremas, espaços seguros para confrontar seus medos mais profundos, terreno fértil para soluções criativas para problemas ou brotos da realidade de amanhã. Assim, os sonhos são essenciais em momentos de demolir e construir de novo, como os que vivemos. Quando o status quo ante não existir mais e não voltará.



RESOLVENDO O DILEMA DE DEFESA DA EUROPA

[Ver mais](#)

Superando os desafios para a cooperação europeia em defesa

A guerra de agressão da Rússia na Ucrânia levou a um momento de transformação para a defesa europeia. No entanto, a Europa enfrenta um dilema: está gastando mais em defesa, mas cooperando menos – tudo apesar de três décadas de iniciativas políticas destinadas a melhorar a cooperação europeia em defesa.

Não há uma razão única para esse fracasso: é resultado de um problema de ação coletiva profundamente enraizado nos campos político, económico e militar do cenário europeu de defesa.

Três ideias principais para os formuladores de políticas da NATO, da UE e da Europa para ajudar a resolver o dilema de defesa da Europa:

- ▶ Compreender o desafio como um problema de ação coletiva revela três princípios que podem ajudar a desbloquear a cooperação europeia em defesa: pequenos grupos, normalização e mecanismos para incentivar a cooperação (e desencorajar a fragmentação).
- ▶ A experiência anterior revela fatores internos e externos que influenciam as perspectivas de cooperação.
- ▶ Muitos tipos diferentes de cooperação em defesa podem ser usados para fornecer aos líderes europeus uma gama de opções para aumentar a cooperação.



ONDAS DE CHOQUE

[Ver mais](#)

Como a guerra na Ucrânia afeta a grande estratégia da UE?

As grandes estratégias definem o que um ator internacional representa, o que deseja alcançar e como. Abrangem um conjunto coerente de ideias, narrativas, planos emblemáticos e iniciativas políticas. Pode um ator político complexo e coletivo como a União Europeia (UE) elaborar uma grande estratégia?

Antes do ataque da Rússia à Ucrânia, a UE concebeu elementos de uma abordagem estratégica para a Europa manter-se firme num mundo mais competitivo e contestado. A eclosão da guerra colocou a incipiente grande estratégia da UE sob um severo teste de resistência.



A GUERRA TECNOLÓGICA EUA-CHINA E OS SEUS EFEITOS NA EUROPA

[Ver mais](#)

A guerra comercial mais importante dos últimos anos não foi a guerra tarifária iniciada por Trump. Ao contrário do que alguns podem pensar, foi a guerra tecnológica entre os EUA e a China, que começou no final da era Obama, ganhou ritmo durante a presidência de Trump e intensificou-se ainda mais sob o governo Biden. A guerra tem dois aspetos: primeiro, impedir que a China alcance a supremacia tecnológica dos EUA (com todas as implicações económicas e militares associadas), bloqueando a transferência de tecnologia; e, em segundo lugar, maximizar a distância tecnológica entre os EUA e a China, subsidiando a produção nacional. Este último aspeto tem grandes consequências para a UE, com potencial para criar um perigoso atraso tecnológico.



ABRINDO O PORTAL GLOBAL

[Ver mais](#)

Por que razão a UE deve investir mais na vizinhança meridional

O programa Global Gateway da UE é a sua iniciativa para promover o investimento em conectividade em todo o mundo. É um plano ambicioso que pode ajudar a UE a cumprir as suas metas geopolíticas, económicas e climáticas. No entanto, mais de um ano após o seu lançamento (DEZ2021), o Global Gateway carece de um conjunto claro de prioridades e regiões de destino bem definidas. Ainda não está totalmente adaptado ao contexto global em rápida mudança. Isso inclui grandes mudanças na globalização e as consequências da guerra da Rússia contra a Ucrânia, que estão levando os países a redesenhar as cadeias de abastecimento das quais as suas economias dependem.